

# Luís Simões Lopes: um informante de Getúlio Vargas na Europa

653

• Revista  
**mosaico**

Filipe Queiroz de  
Campos<sup>1</sup>  
<https://orcid.org/0000-0001-8820-9957>

Luís Simões  
Lopes: a Getúlio  
Vargas's  
informant in  
Europe

## Resumo

A partir da Revolução de 1930, Getúlio Vargas implementou um conjunto de reformas. Uma delas foi a do funcionalismo público. O homem à frente desta empreitada era Luís Simões Lopes. Ele se destacou para além de sua liderança no órgão mencionado. Ao investigar seu arquivo, é possível identificar que ele atuou na Europa como informante secreto do presidente. Como informante, suas observações foram importantes na área comercial, em estudos sobre o nazismo e o fascismo e sobre o serviço público da Europa. Este artigo investiga a atuação de Luís Simões Lopes como informante de Vargas, explorando quais informações e decisões ele articulou em nome do presidente e refletindo sobre os possíveis impactos desta atuação nos rumos da política interna e externa do Brasil.

**Palavras-chave:** Luís Simões Lopes; Getúlio Vargas; Política Externa; Brasil.

## Abstract

From the Revolution of 1930, Getúlio Vargas implemented a set of reforms. One of them was the civil service. The man at the forefront of this endeavor was Luís Simões Lopes. He stood out beyond his leadership in the aforementioned body. When investigating his file, it is possible to identify that he acted in Europe as a secret informant for the president. As an informant, his observations were important in the commercial field, in studies of Nazism and Fascism, and of public service in Europe. This article investigates the role of Luís Simões Lopes as an informant for Vargas, exploring what information and decisions he articulated on behalf of the president and reflecting on the possible impacts of this role on the direction of Brazil's domestic and foreign policy.

**Keywords:** Luís Simões Lopes; Getúlio Vargas; foreign policy; Brazil.

## Introdução

Luís Simões Lopes era de uma família tradicional conectada à aristocracia imperial. Seu avô, João Simões Lopes, era um barão que chegou a visconde, o Visconde da Graça, e foi presidente da província do Rio Grande do Sul, em 1871. Seu pai, Ildelfonso Simões Lopes, fora Ministro da Agricultura entre 1919 e 1922 e deputado federal entre 1922 e 1930. Seguindo os passos do pai, Luís Simões Lopes entrou na carreira pública no Ministério da Agricultura. De acordo com Daniel Ouriques (CAMINHA, 2019, p. 8), Lopes ficou surpreso sobre como era possível entrar para o funcionalismo público sem concurso e, inclusive, escolher o cargo que quisesse, devido à sua posição familiar e política. Para Ouriques, desde o início de sua vida pública, Lopes apresentava, portanto, a preocupação com a qualidade profissional daqueles que ingressavam na vida pública.

Como Lopes se envolveu no campo político? O pai dele era vice-diretor da Aliança Liberal, uma coligação de opositores à oligarquia de São Paulo. O então presidente Washington Luís, contrariando as expectativas estaduais de indicar um sucessor fora de São Paulo, indicou o paulista Júlio Prestes para presidente. A Aliança Liberal passou a defender, em oposição, a candidatura de Getúlio Vargas para presidente e João Pessoa para vice, como informam Marieta Ferreira e Surama Conde (FERREIRA; CONDE 2006, p.15). Ildelfonso Lopes, à frente dos trabalhos da coligação, permitiu que seu filho atuasse como uma espécie de secretário da Aliança.

Como afirma Dulce Chaves Pandolfi, a candidatura da Aliança Liberal fracassou nas eleições de 1930 e teve início o movimento revolucionário<sup>1</sup> que desencadeou um golpe no mesmo ano, levando Vargas ao Governo Provisório (PANDOLFI, 2020, p.13). Luís Simões Lopes se envolveu com os projetos da

<sup>1</sup> Segue-se, neste trabalho, a interpretação de Boris Fausto (1970) a respeito da “Revolução de 1930”, ou seja, o movimento foi uma modernização autoritária que pode ser entendido como uma revolução. Não obstante, é necessário separar a análise técnica de Fausto, que busca compreender o conceito e fazer um debate historiográfico sobre os sentidos desta “revolução”, das intenções e significados usados pelos próprios contemporâneos de 1930. Como demonstra Matheus Pereira (PEREIRA, 2009, p.29), os vencedores do movimento tiveram todo o interesse, ainda à época, em demarcar que 1930 fora um marco indelével e irreversível para a História do Brasil, portanto, uma revolução. Assim, é necessário, ao historiador, o cuidado para não se utilizar do conceito de “revolução”, “revolucionários” ou “movimento revolucionário” de maneira pouco crítica, visto que houve longo esforço de diferentes narrativas para a construção de “1930” como marco revolucionário pelo viés da “história dos vencedores”.

revolução, apesar disso, teve participação mais pontual no movimento, pois continuou vinculado ao seu posto no Ministério da Agricultura. Daniel Caminha explica que o envolvimento de Lopes no processo revolucionário foi, portanto, mais tímido (CAMINHA, 2019, p.9-10).

Uma vez instaurado o Governo Provisório, Vargas, que já conhecia as boas relações que Lopes mantinha com os políticos do Rio de Janeiro, convidou-o para assumir um cargo na secretaria do gabinete presidencial. Lopes assumiu altas responsabilidades junto a Vargas, sobretudo, a de organizar a agenda presidencial para o novo governo (CAMINHA, 2019, p.10).

Nesta posição, ele permaneceu até 1936, quando Vargas o chamou para assumir a presidência da Comissão de Reajustamento dos Funcionários Cíveis, pensando a reforma administrativa. Em 1937, Lopes foi nomeado como presidente do Conselho Federal do Serviço Público Civil (CFSPC). No fim deste ano, foi instalado um novo regime, a ditadura do Estado Novo. A eficiência do serviço público passou a ser um princípio constitucional e o CFSPC foi substituído pelo novo órgão regulador do serviço, o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), criado em agosto de 1939 (CAMINHA, 2019, p. 10). Neste contexto, Luís Simões Lopes continuou sendo líder do governo nesta área, sendo nomeado presidente do novo órgão. O DASP era subordinado diretamente à presidência da República, como informa Gustavo Menon (2010, p. 159), logo a parceria entre Lopes e Vargas permaneceu até o fim do Estado Novo, em 1945.

O que exploraremos neste artigo são atividades concomitantes ao processo de envolvimento de Lopes com a racionalização do serviço público. Investigaremos a missão secreta que ele desempenhou na Europa no ano de 1934 e seu retorno ao citado continente em 1936. Estas viagens tinham a função de relatar, em detalhes, as condições políticas, econômico-comerciais do cenário europeu a Vargas, para que ele pudesse decidir sobre a política interna e externa do Brasil. Destarte, explorar-se-á a relevância que elas possam ter representado para a perspectiva de Vargas sobre os rumos da política no Brasil de acordo com o contexto internacional da época, bem sobre como elas impactaram a perspectiva política do próprio informante, Luís Simões Lopes.

## **O contexto nacional e internacional**

Logo após a guerra civil de 1932, fruto das tensões entre a continuidade do governo provisório e as pressões pela constitucionalização do Brasil, Getúlio Vargas passou a coordenar esforços de redemocratização do ambiente político. Afinal, após o violento embate que levou, aproximadamente, 934 pessoas à morte (HELIO LOPES, 2022, p.250), apenas a conciliação de interesses pacificaria o país. Boris Fausto (2006, p.67) explica que “as eleições marcaram um florescimento partidário”, revitalizando a confiança na figura de Vargas como conciliador de diferentes interesses. Os trabalhos da constituinte duraram oito meses e deram origem à Constituição de 1934. A nova constituição garantiu avanços inéditos, como igualdade salarial entre homens e mulheres, atenção à família, educação e cultura, bem como direito ao descanso semanal e férias remuneradas (FAUSTO, 2006, p.68).

Não obstante, o presidente não estava satisfeito com a mudança. Boris Fausto demonstra que Vargas tinha “convicção acerca das virtudes do poder ditatorial”<sup>2</sup> (2006, p.69) e que continuava acreditando nestas virtudes mesmo durante o governo constitucional. O cenário interno, com a pressão comunista e integralista, e o cenário internacional, com a ascensão do fascismo e do nazismo dariam, juntos, motivos suficientes para que as crenças do presidente fossem reforçadas. Ele chegou a escrever um discurso, que nunca foi publicado, em que registrou sua opinião de que a constituição de 1934 estava anulando “o código italiano de 1930” e que a constituição de um “Estado forte” seria a “única solução contra o espírito egoísta” da democracia liberal (VARGAS, 1934, p.1). Chamamos atenção para estas crenças políticas, pois são fundamentais para compreender as investigadas que Vargas passou a fazer junto a Luís Simões Lopes em 1934.

Apesar de o governo ser constitucional e o presidente ter poderes mais limitados se comparado aos anos do Governo Provisório, o que notaremos é um

---

<sup>2</sup> Vale lembrar que Vargas e seus companheiros do movimento de 1930 entendiam que a revolução que buscavam passaria por um governo ditatorial e que o Governo Provisório era esta ditadura. Como a carta de Valentim Bouças (1933, p.1-3) a Vargas em 1933 atesta, o termo “ditadura” era utilizado entre os integrantes da “Revolução de 1930” e do novo governo com um sentido positivo, afinal, interpretavam que esta ditadura viera para livrar o Brasil dos males das oligarquias. Além disso, registro a sugestão do trabalho de Raimundo Hélio Lopes (LOPES, 2020), para ampliar a discussão a respeito da concepção política daqueles que estavam à frente do Governo Provisório sobre que tipo de regime estavam conduzindo.

esforço de Vargas para investigar, secretamente, a situação política da Europa. Dizemos secretamente, pois a missão de Lopes não foi acompanhada por nenhum plano junto ao Ministério das Relações Exteriores ou qualquer outro mecanismo oficial da burocracia de Estado. Vargas enviou seu informante para lhe fornecer uma perspectiva confidencial sobre a política, o comércio e a economia de países europeus.

Essas preocupações faziam sentido, afinal, como afirmam Lilia Schwarcz e Heloisa Starling, o mundo da década de 1930 parecia não ter lugar para o liberalismo. A ascensão de regimes autoritários foi intensificada pela crise financeira de 1929 e o General Góes Monteiro, à frente do Exército brasileiro “não duvidava que o fascismo italiano apresentava a melhor alternativa para a modernização do país” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p.367). Por sua vez, Vargas buscava muito mais instrumentalizar a força e o exemplo do fascismo aos seus próprios projetos. Afirmam as autoras sobre o presidente: “pragmático, ele pretendia usar a máquina fascista de acordo com suas próprias conveniências (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p.368). Ao investigar a missão de Luís Simões Lopes na Europa a mando do presidente, compreenderemos melhor o que as autoras quiseram dizer com estas palavras.

### **A atuação de Luís Simões Lopes como informante do presidente**

Acompanharemos as cartas que Lopes escreveu a Vargas. Estas cartas estão no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/ FGV), no Rio de Janeiro.<sup>3</sup> A primeira carta de Simões Lopes a Vargas é de 22 de setembro de 1934, quando ele diz que já havia realizado suas visitas a Berlim como havia combinado com o presidente. Lopes escreveu: “Em Berlim, estou tomando informações sobre o sistema da propaganda, tão interessante me pareceu a sua organização que fiquei oito dias colhendo notas principalmente da moderna legislação alemã sobre o trabalho, a propaganda” (LOPES, 1934, p.1-2). Lopes ficou fascinado pela força do nazismo. Segundo ele, o Ministro da Propaganda nazista, Joseph Goebbles deveria servir de inspiração: “o

---

<sup>3</sup> As cartas foram consultadas e fotografadas presencialmente pelo pesquisador nos arquivos do CPDOC.

Ministério da Propaganda, [...] o Ministro Goebbles, é uma grande figura de homem dinâmico e, talvez, o cérebro do nacional-socialismo, criador, interpretador e realizador do sistema” (LOPES, 1934, p.4).

Interessante notar que, em sua perspectiva, os alemães conectavam o comunismo aos judeus. O informante descreveu a Vargas a teoria que, segundo ele, era a mais forte na Alemanha: o comunismo era uma expressão dos próprios planos do judaísmo para dominar o mundo:

Não há uma só pessoa que não sinta diariamente o contato do "nazismo" ou de Hitler, seja pela fotografia, pelo rádio ou pelo cinema, pela imprensa alemã, estão sempre em contato com os uniformes dos S.A (tropas de assalto) ou S.S (tropas de proteção pessoal de Hitler). As eleições últimas demonstram que o povo foi realmente "nazificado", mas calcula-se que ainda tenha 12 ou 13 milhões de cidadãos simpáticos ao comunismo, que os alemães consideram obra exclusiva dos judeus (Marx, Trotsky, Stálin etc. são judeus) em premeditada destruição geral de tudo para que eles, judeus, se apossam, de fato, do mundo. (LOPES, 1934, p.2)

Segundo ele, a teoria em voga era a de que os alemães acreditavam que os judeus usavam tanto o capitalismo liberal quanto o comunismo como, em suas palavras, uma “maquinha de judaização do universo”. (LOPES, 1934, p.2). O judaísmo era a verdadeira força por trás tanto da crise do liberalismo quanto da força do comunismo, por isso, faria sentido um Estado forte que desse novas direções à sociedade. Apenas este modelo de Estado seria capaz de evitar o comunismo, o liberalismo e o judaísmo. (LOPES, 1934, p.2-3).

Informou que a Alemanha financiava a propaganda nazista de maneira clandestina em todas as nações mais importantes da política internacional: “Pessoas bem-informadas dizem que só na Inglaterra a propaganda já gastou mais de 10 milhões de libras” (LOPES, 1934, p.3) e completou: “Já a parte feita às claras, me foi explicado, são usados amplamente todos os meios conhecidos como rádio, cinema e imprensa totalmente controlados pelo governo” (LOPES, 1934, p.3-4). Para Lopes, a propaganda nazista era o que havia de mais avançado no mundo, por isso, o Brasil deveria fazer o mesmo:

A organização do Ministério da Propaganda fascina tanto que eu me permito sugerir a criação de uma miniatura dele no Brasil. Evidentemente, não temos recursos para manter um órgão igual ao alemão, não temos necessidade de muitos dos seus serviços e nem a nossa organização política e administrativa a comportaria, mas

podemos adaptar a organização alemã dotando o país de um instrumento de progresso moral e material formidável. A Alemanha, além das outras todas, leva a vantagem de ter um governo praticamente ditatorial, com jurisdição sobre todas as circunstâncias do país. (LOPES, 1934, p.3).

A novidade de uma “administração revolucionária”, como a nazista, já tinha se iniciado no Brasi, no Governo Provisório, segundo Lopes, pois uma de suas características seria o presidente ter total liberdade para tratar dos mais altos assuntos diretamente com qualquer funcionário, sem a intermediação de ministros:

A nossa máquina administrativa é tão antiquada e pouco flexível que o Conselho Federal de Comércio Exterior, utilíssima criação do Governo Provisório, foi considerado revolucionário dentro da organização burocrática, pois não se admitia que o Presidente da República tratasse diretamente com funcionários, sem a interferência dos ministros. (LOPES, 1934, p.4).

Continuando, Lopes narrou que Hitler estava acabando com a nobreza na Alemanha, servindo de exemplo para todo o mundo:

Hoje os filhos dos nobres vão para os campos de "trabalho voluntário" junto aos filhos dos operários. Moram na mesma barraca e juntos trabalham com pá e enxada. As atenções do governo estão voltadas para os humildes, que tem todas as facilidades do governo, dinheiro emprestado para reformar as suas casas, moradias moderníssimas feitas pelo governo e vendidas ou alugadas em situações excepcionais, divertimentos incentivados pelo governo etc. A democratização é um fato. Os "dacinings" e cinema que antes eram frequentados pela elite estão hoje repletos de povo, que vive satisfeito e distraído, esquecido da política, mal se recordam da matança do último movimento que abalou profundamente a Alemanha. O partido dono de todo o dinheiro, que não está nas mãos dos israelitas, a ele pertencem além dos hitleristas convictos, aqueles que querem viver em paz, alugar as melhores casas de Berlim. Em todas as posses de Berlim há sedes do partido. (LOPES, 1934, p.5).

Lopes também descreveu como as medidas trabalhistas na Alemanha estavam funcionando. Segundo ele, uma legislação que permitisse o Estado controlar a economia permitiria aos trabalhadores uma vida digna, “democratizando” a economia. Exemplificou:

Sobre o problema dos sem trabalho, há medidas na lei interessantíssimas visando a aumentar as compras e, portanto, dando mais trabalho. Quem compra um automóvel e mostra o recibo se exime de pagar parte dos impostos sobre a renda. Assim é com muitos artigos. Dizem que essas medidas já diminuíram o número de



desempregados de 5 para 3 milhões. (LOPES, 1934, p.5-6).

Na mesma longa carta, Lopes ainda descreveu o comportamento dos representantes do Brasil na Alemanha, criticando e elogiando o trabalho de determinados funcionários. Como ele mesmo escreveu, informaria ainda mais a Vargas a respeito e daria sugestões sobre o serviço diplomático brasileiro na Alemanha, pessoalmente, quando regressasse. (LOPES, 1934, p.8-9).

Apenas cinco dias depois, Simões descreveu sua investigação sobre o estado geral da representação do Brasil em Londres, em uma carta de sete páginas. (LOPES, 1934, p.1). O informante visitou o mercado internacional de carnes e se disse impressionado com a dominação inglesa do setor de frigoríficos. Analisou que o Brasil já tinha penetração no setor, mas que havia muitas novas oportunidades que o Ministério das Relações Exteriores não estava aproveitando. Ficou assim sabendo, devido à conversa que teve com *Sir* Eduard Vestey, homem rico dos negócios de carnes e frigoríficos de Londres. Segundo Lopes, Vargas já o havia conhecido. (LOPES, 1934, p.1-2) Investigando a família Vestey, é possível conhecer que seus investimentos se iniciaram no sul do Brasil e no Uruguai em 1924, como nos informa Francisca Ferreira Michelin, ao demonstrar que os frigoríficos da *Vestey Brothers* tiveram relevância econômica nestas regiões (MICHELON, 2014, p. 29).

Lopes narrou que Vestey o confidenciou que o Brasil "estava em situação desfavorável e que devia se impor muito mais ao governo inglês, sem meias palavras para concessão imediata de vantagens comerciais aos produtos brasileiros". (LOPES, 1934, p.3-4). Segundo Vestey, as negociações oficiais conduzidas pelo Brasil estavam lentas e tímidas, e Vargas devia tomar a frente com mais ousadia. Vestey também relatou que o Ministro da Agricultura do Brasil estava muito exigente na inspeção da qualidade de produtos ingleses, pois chegava a barrar até 40% das uvas que tivessem manchas, mas que outros países não aplicavam esse procedimento. Lopes pediu a Vargas<sup>4</sup> para averiguar a veracidade das informações. (LOPES, 1934, p.2-3).

O empresário Vestey, empolgado, pediu a Lopes que perguntasse se o

---

<sup>4</sup> Não há respostas diretas de Vargas, por meio de cartas, à investigação secreta de Lopes registrada nos documentos aqui citados, mas o informante enfatizou que conversaria pessoalmente com o presidente sobre os mais variados assuntos provenientes de suas investigações quando chegasse ao Brasil (LOPES, 1934, p.3-4).

presidente do Brasil estaria disposto a discutir o comércio internacional "por meio de providências indiretas, de estímulo pessoal", ou seja, sem representantes oficiais, de maneira confidencial. Lopes adiantou: "respondi a ele que o presidente tem suas atenções especialmente voltadas para a expansão comercial e que estava disposto a auxiliar dentro das normas administrativas do país" (LOPES, 1934, p.4-5), ou seja, aquelas conversas eram sondagens, porém, decisões precisariam respeitar a oficial burocracia de Estado.

De acordo com o informante, Vestey municiou Lopes com dados confidenciais sobre o comércio entre a Inglaterra e o Uruguai e fez sugestões importantes para a melhoria do comércio brasileiro. Simões se responsabilizou de levar tudo a Vargas pessoalmente. (LOPES, 1934, p.4-5) Na mesma carta, contudo, anunciou que estava dando início a uma investigação paralela e secreta sobre as possibilidades de reatamento das relações comerciais entre Brasil e União Soviética. (LOPES, 1934, p.3-4). Segundo ele, conversou com um adido comercial da embaixada brasileira em Londres chamado Barbosa Carneiro, que era muito bem-informado sobre a diplomacia russa. Carneiro era casado com uma russa de família nobre, que havia perdido tudo com a revolução bolchevique, explicou o informante. O adido comercial disse que estava de acordo com a possibilidade de reatamento das relações comerciais entre Brasil e União Soviética. Inclusive, indicava o mate do Rio Grande do Sul como principal produto para os soviéticos. Barbosa Carneiro, inclusive, sugeria a Vargas que chamasse o produtor de "chá do Brasil", para se tornar mais comercial. (LOPES, 1934, p.4-5).

O que percebemos é que Vargas já estava conduzindo investigações sobre a possibilidade deste reatamento, indo além das atividades de Lopes, que terminaram, ao menos em suas cartas que ficaram para a posteridade, com este relato. É possível identificar que Vargas conduziu, com outro informante na Europa, esta mesma investigação. Referimo-nos a Herculino Cascardo.

Como explica Chaves Pandolffi (2004, p.175-182), Cascardo fora uma das lideranças fundadoras da Aliança Nacional Libertadora, sendo responsável pelo movimento comunista de 1935, no Brasil. Sobre Cascardo, Luiz Alberto Zimbarb (2001, p.57) detalha que ele era militar da Marinha e dela foi expulso por ter participado da revolta tenentista de 1924. Ao integrar a movimentação que levou à revolução de 1930, ele retornou à Marinha e Vargas o enviou para um curso sobre

submarinos e armamento naval na Inglaterra entre 1934 e 1935. O que não foi oficial é a atuação de Cascardo também como informante de Vargas quanto às possibilidades de reatamento das relações comerciais entre Brasil e União Soviética. Vale relatar sobre as cartas de Cascardo a Vargas, para demonstrar que o que Vargas fazia com Lopes, no sentido de tratar assuntos confidenciais de maneira paralela à burocracia oficial do governo, ele também fazia com outras pessoas de sua confiança.

A investigação de Cascardo aconteceu em 24 de agosto de 1934 (anterior à de Lopes), e este a conduziu, pelo que é possível identificar em suas correspondências, sem saber que o presidente também estava conduzindo uma investigação paralela à sua. Cascardo escreveu a Vargas:

O assunto da minha viagem à Rússia são as sondagens para o reatamento das relações. Dando execução ao que havíamos assentado nas vésperas da minha partida, entrei em entendimento com o pessoal da Embaixada Russa aqui em Londres. Mantive o caráter confidencial e inteiramente pessoal das conversações. A Embaixada não pôe restrições em encaminhar o assunto ao seu Governo e apresentar-me ao Ministério do Exterior da Rússia desde que 1) Eu possa dar garantias de que o governo brasileiro está de fato inclinado a reatar as relações diplomáticas e comerciais. 2) Apresentar ligeiras credenciais que me acreditam nessa missão. (CASCARDO, 1934, p.1-2).

Então completou:

Estes dois itens seriam satisfeitos mediante um telegrama a mim endereçado em que o amigo me confiasse a realização da tarefa de conversações preliminares e não oficiosas para o reatamento dessas relações. Espero notícias urgentes no sentido de continuar ou abandonar a tarefa. Manifesto meu desejo de inicialmente não entrar em entendimento direto com o Ministério do Exterior aí no Rio. (CASCARDO, 1934, p.2-3).

O reatamento das relações entre os dois países não aconteceu. Vale lembrar, como explica Daniel Aarão Reis (2014, p.251), que as relações entre Brasil e União Soviética estavam rompidas desde 1917, com a Revolução de Outubro, e foram reatadas apenas em 2 de abril de 1945. Ainda assim, estas investigações secretas, feitas ambas por meio de contatos em Londres, dão pistas sobre a maneira de Vargas conduzir sua política externa, ou seja, de maneira pragmática, mais interessada na expansão comercial do Brasil que nos limites ideológicos deste ou daquele país, bem como de maneira secreta e alicerçada em contatos de

confiança que faziam sondagens independentes.

Nem sempre, contudo, a atividade confidencial de Luís Simões Lopes passou sem gerar confusões. Em seu próximo relatório, em nove de outubro de 1934, ele descrevia o ambiente político e comercial da França, quando reportou a Vargas que outro grande comerciante de carnes e frigoríficos o procurou. Era um empresário chamado Lawson, representante da companhia Weddel. (LOPES, 1934, p.1.). Lawson queria fechar acordos comerciais com o Brasil diretamente a partir de Lopes, pois ficara sabendo que ele estava lá a mando de Getúlio Vargas. Lopes escreveu ao presidente: "é evidente que estão equivocados me julgando autorizado pelo governo a resolver dificuldades referentes ao comércio de carnes. Isso provavelmente nasce da minha visita em Londres e da conversa que tive com Sir Vestey". (LOPES, 1934, p.3-4). Então, perguntou a Vargas se poderia continuar recebendo queixas e sugestões sobre o comércio internacional de maneira geral, pois não queria, em suas palavras, "causar ciúmes nos nossos diplomatas", nem ultrapassar os limites das suas funções. (LOPES, 1934, p.4-5).

Na França, Lopes fez uma investigação sobre a causa para os franceses não concederem condições especiais à importação de carnes brasileiras. O pedido já havia sido negado formalmente. Lopes entrou em contato com diplomatas franceses, de maneira informal, buscando, então, mudar a negativa. Sem sucesso, procurou entender as causas e reportou a Vargas que, um adido comercial, que ele chamou apenas de "Guimarães" disse a ele, confidencialmente, que o motivo era que a Argentina "pagava boas gorjetas" a funcionários franceses para que eles mantivessem a situação como estava. (LOPES, 1934, p.4-5.). Mais uma vez, a confidencialidade auxiliou Lopes, e logo o presidente Vargas, a conhecer e a combater concorrentes do comércio brasileiro na Europa.<sup>5</sup>

A próxima parada de Luís Simões Lopes foi na Itália. Lá, ele foi a mando de Getúlio Vargas investigar um incidente que ocorreu com a passagem de Oswaldo Aranha pelo país. Aranha, segundo Paulo Roberto de Almeida (2013, p.2), foi

---

<sup>5</sup> Uma investigação sobre os possíveis resultados destas ações exige o escrutínio das relações comerciais entre o Brasil e os países onde Lopes atuou para o período, o que pode ser feito pelo Arquivo do Itamaraty presente no Rio de Janeiro. O corrente trabalho não explora as possíveis consequências da atuação comercial de Lopes, devido à limitação física deste trabalho e ao espoco investigativo aqui adotado, ou seja, sua atividade enquanto informante do presidente. Malgrado estes limites, o estudo a respeito das possíveis consequências das atividades aqui relatadas fica como indicação para pesquisas vindouras.

importante político e amigo de Vargas, participara de toda a movimentação da revolução de 1930 com grande relevância, tendo, por exemplo, como nos informa Luiz Moniz Bandeira (2007, p.373), papel crucial na negociação internacional para o financiamento do movimento revolucionário.

Oswaldo Aranha, após contendas políticas pela não indicação de seu amigo, Virgílio Melo Franco, para interventor de Minas Gerais, como explica Flávia Ferro (2015, p. 68), afastou-se da política interna com a indicação de Vargas para que ele assumisse o cargo de embaixador do Brasil em Washington. Não obstante, antes de assumir o cargo, Aranha fez uma breve passagem pela Itália, quando buscou ter uma audiência direta com Benito Mussolini. Não conseguiu, contudo, encontrar o líder da Itália. Muito irritado, Aranha escreveu a Vargas que o insucesso de toda a investida apenas ocorreu devido à incompetência do embaixador brasileiro em Roma, Alcebíades Peçanha: "ele está ausente há 25 anos, não conhece, não sente e não vive a nossa vida, está completamente gagá. Temos aqui uma bela casa, tapetes, quadros, mas nos falta tudo: um embaixador" (ARANHA, 1934, p.1.). O fato de não conseguir se encontrar com Mussolini para tratar das dívidas do Brasil com a Itália e do comércio entre os dois foi, para ele, totalmente culpa do embaixador Alcebíades, pois, segundo Aranha, Mussolini nem mesmo ficara sabendo de sua presença na Itália. O Ministério das Relações Exteriores reagiu e mandou chamar o embaixador Alcebíades Peçanha de volta ao Brasil. (LOPES, 1934, p.1-2).

Aranha deixou a Itália, mas Vargas não estava satisfeito com as informações sobre o caso. Pediu que Lopes investigasse o que realmente aconteceu. O informante respondeu em 18 de outubro: "meu prezado amigo, só agora posso escrever-te sobre a entrevista entre Oswaldo-Mussonlini após ter procurado as necessárias informações sem levantar suspeitas". (LOPES, 1934, p.2). Lopes contou que pôde descobrir que, na embaixada da Itália, havia uma desarmonia total contra a antiga figura do embaixador Peçanha e que, com a chegada de Aranha, muitos dos que já desgostavam do embaixador procuraram causar atritos entre os dois. (LOPES, 934, p.2-3). Além disso, o chamamento do embaixador de volta ao Brasil tinha a ver, segundo Lopes, com a inimizade entre o Ministro das Relações Exteriores, José Carlos de Macedo Soares e Alcebíades, afirmou: "eu soube que o Ministro do Exterior tem grandes queixas, que não é amigo, enfim, do Embaixador desde a Conferência do Desarmamento". (LOPES, 1934, p.3).

Interessante notar que Lopes pôde perceber que o corpo diplomático via Oswaldo Aranha como alguém sem prestígio, pois entrara na carreira como um “exilado político” que não gozava mais da confiança de Getúlio. Lopes disse que estava trabalhando para desfazer esta impressão. (LOPES, 1934,4-5). Chegou, então, a uma conclusão: a própria conduta de Oswaldo Aranha, buscando mais a informalidade que seguir procedimentos protocolares de visita, fora um dos motivos que atrapalharam seu encontro com Mussolini: “o embaixador alega que o culpado é o Oswaldo por lhe ter declarado taxativamente desde o primeiro momento que não trazia nenhuma missão especial e que a sua visita a Mussolini tinha um cunho estritamente pessoal”. (LOPES, 1934, p.5-6).

Os relatos que se seguem, na mesma carta, são igualmente interessantes. Enquanto Lopes procurou um médico para atender a esposa de Vargas, Darcy, que estava doente, também inspecionou confidencialmente o comportamento e atuação de diversos funcionários da embaixada e elaborou a suspeita de que estaria ocorrendo desvio de verbas na representação brasileira, bem como a possibilidade de que o embaixador Peçanha poderia estar doando móveis a amigos. (LOPES, 1934, P.5-8). Voltou a relatar sobre suas investigações sobre o comércio entre Brasil e Itália e disse que, finalmente, conseguira negociar condições melhores para as carnes brasileiras naquele país e que parte do insucesso no processo de negociação se devia à morosidade de resposta e atuação do Ministros das Relações Exteriores. (LOPES, p.5-6).

As atividades comerciais continuaram. Em 22 de outubro de 1934, Lopes voltou com novidades sobre o comércio de carnes entre Brasil e Itália. Afirmou que em conversas com os italianos eles deram certeza de que se o governo brasileiro tivesse se manifestado sobre o negócio de carnes eles já teriam dado preferência ao Brasil. Escreveu: “estou certo de que se esses dados tivessem sido levados ao seu conhecimento o negócio não teria sido perdido”. (LOPES, 1934, p.2).

Naqueles dias, estava acontecendo a *Assembleia do Instituto Internacional da Agricultura*. Lopes narrou que conseguiu entrar nestas reuniões. Segundo ele, distribuiu charutos para pessoas importantes e conseguiu “amigar” com os representantes da França, Inglaterra e EUA, para “levantar” a imagem do Brasil. Como resultado destas investidas, narrou que o comércio entre os citados países poderia correr mais rapidamente. (LOPES, 1934, p.1-2).

Vê-se, portanto, que as atividades do informante foram além dos limites das “sondagens secretas”. Lopes compreendeu, descreveu e atuou em nome de Vargas na Europa e suas ações obtiveram, segundo seus relatos, avanços que se dependessem apenas da burocracia oficial do governo, não teriam acontecido. É claro que devemos nos preocupar com a veracidade dos relatos de Lopes. Nenhuma fonte histórica é imparcial e isenta dos olhares, interesses e interpretações próprias de seus autores. Não obstante, o que nos interessa é justamente a perspectiva de Lopes sobre a realidade, pois Vargas, no mínimo, se interessava por elas, uma vez que confiava a seu informante missões tão importantes. A importância que Vargas dava à perspectiva de Lopes sobre a realidade política confirma-se pela própria continuidade das missões que o presidente lhe entregava. Vejamos mais sobre esta continuidade.

### **A atuação de Lopes como informante do presidente entre 1935 e 1937**

As cartas de Luiz Simões Lopes a Vargas para o ano de 1934 encerraram-se, mas isso não significa que suas investigações cessaram. É possível detectar as atividades de Lopes em nome de sondagens confidenciais e favores para Vargas por meio de outros informantes em outros anos. Em 1935, por exemplo, Orlando Leite Ribeiro, outro funcionário que atuava como informante de Vargas para questões políticas e diplomáticas, atuando fora de sua alçada oficial, mencionou, em seus relatórios secretos ao presidente, as atividades de Lopes. Ribeiro era militar que ajudara os esforços revolucionários de 1930 e passara a atuar na embaixada de Buenos Aires como adido comercial (FUNAG, 1941, p.146).

No ano de 1935, Vargas fez visita presidencial em Buenos Aires. Após a visita, combinou diretamente com Orlando Leite Ribeiro para que ele enviasse presentes, cumprimentos e agradecimentos a todos os nomes mais importantes de Buenos Aires (LOPES, 1935, p.1). No pedido a Ribeiro, Vargas demonstra sua preocupação de que alguma forma de agradecimento chegasse a todos, para que se mantivesse bons contatos na Argentina. O presidente não se valeu do Itamaraty ou de qualquer representação oficial designada para tal. Chama a atenção o fato de que preferiu tratar tudo com o adido comercial de sua confiança, Orlando Leite Ribeiro. Esta atividade, contudo, não ficou inteiramente ao cargo de Ribeiro. O

informante que acompanhou a atividade do adido comercial foi Luís Simões Lopes. Sabemos disso, pois Leite escreveu a Vargas, buscando justificar-se:

Recebi um cartão de Luiz Simões Lopes, do dia 26, em que ele dizia que o presidente reclamava uma lista de pessoas, que eu devia haver mandado logo após o seu regresso ao Brasil. Estranhei isso, porque a minha preocupação foi justamente essa: mandar imediatamente uma relação das pessoas que o haviam obsequiado. (LOPES, 1935, p.1).

Em 1936, é possível saber, também por outro informante de Vargas, que Lopes continuou seu serviço de fornecimento de informações e atuação internacional confidencial. O outro informante neste caso é uma mulher. Referimo-nos a Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti. Lisboa encontrava-se pessoalmente com Vargas, ao menos desde 1932, para reportar as mais variadas informações sobre o mundo da política internacional. Ela também se configurou como uma informante secreta do presidente, atuação que investigaremos em pesquisas vindouras.

Como informa-nos Maria Aparecida Schumacher, Rosalina Larragoiti estudou línguas estrangeiras desde criança, seu pai era deputado, foi senador federal pela Paraíba, chamado João Gonçalves Coelho Lisboa. Ele deu à filha uma boa educação, sobretudo, porque também foi professor no Colégio Pedro II e da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. A filha seguiu o caminho das letras. Atuou no jornalismo e, aos 14 anos, já havia escrito um soneto intitulado *A mágoa de Seringetpata*, para a revista *Fon-Fon* (SCHUMACHER, 2000, p. 922). Durante a década de 1930, Larragoiti tornou-se informante confidencial de Vargas (LARRAGOITI, 1932, p.1) sobre as mais diversas questões diplomáticas, acompanhando o desenrolar dos eventos da vida nacional de países sul-americanos, como Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile. (LARRAGOITI, 1934, p.1-3.).

Larragoiti acompanhou os trabalhos de Luís Simões Lopes, quando Vargas o reenviou para a Europa, no intuito de fazer novas investigações políticas e comerciais. Na carta, ela descreve que estava conduzindo investigações sobre o movimento comunista na Argentina, marcou um encontro pessoal com o presidente para lhe passar todas as informações e estava se direcionando para o Chile para novas sondagens. (LARRAGOITI, 1936, p.2). Neste trecho, Rosalina Larragoiti elogiou o reenvio de Luís Simões Lopes à Europa a mando de Vargas, "entre os



auxiliares de vosso governo, ele figura no grupo que mais se destaca (...) na sua simplicidade e desinteresse, é um dos melhores elementos que a Revolução trouxe ao labor dos revolucionários”. (LOPES, 1936, -1-3.)

Voltemo-nos, portanto, às novas cartas de Lopes a Vargas. Como resultado das novas viagens, em 9 de outubro de 1936, Lopes escreveu ao presidente, dizendo que estava tomando providências para destravar negociações comerciais entre Brasil e Itália que, segundo ele, estavam atrasadas devido à lenta atuação do Itamaraty e do Banco do Brasil. (LOPES, 1936, p.2). Com a morosidade, o café da Colômbia estava ganhando espaço no mercado italiano. Lopes disse a Vargas que estava, então, atuando para acelerar as coisas. (LOPES, 1936, p.3-4). Percebemos, assim, como a atuação de Lopes foi importante para garantir oportunidades que poderiam ser perdidas se as negociações estivessem dependentes apenas dos meios oficiais de negociação.

Interessante notar que Lopes chamava Vargas de “o grande chefe” ou “o Duce”, por ser ele capaz de dar prosseguimento à Revolução de 1930 mesmo com um governo constitucional, do qual Lopes dizia discordar, como apontado em sua carta em 22 de dezembro de 1936. (LOPES, 1936, p.4-6). A associação entre Vargas e Mussolini não é gratuita. Se em 1934, Lopes investigou a máquina de propaganda nazista, em suas novas viagens, em 1936, ele investigou a máquina de propaganda fascista.

A carta em que faz este estudo é de 23 de dezembro de 1936. Nela, ele analisa que o Brasil precisava garantir o mercado de café da Itália a qualquer custo: “o negócio poderia ser discutível com qualquer outro país, mas nunca com o Brasil, cujo problema máximo é vender café. É melhor dá-lo de graça que para garantir um mercado do que queimá-lo e perder mercados”. (LOPES, 1936, p.5-6).

Logo depois, iniciou sua descrição do *Instituto Poligráfico do Estado*, organização responsável por imprimir e coordenar os materiais de propaganda do fascismo. Lopes ficou admirado com a organização dos funcionários públicos relacionados ao órgão, bem como com a eficiência dele. Entre outros detalhes, narrou que um dos segredos era que o Instituto não tinha funcionários públicos, apenas contratava e dispensava trabalhadores livremente. Segundo ele, a organização “já emprega mais de 4.000 funcionários”, era “a organização mais extraordinária que se pode imaginar”. Aconselhou: “não devemos fazer nenhuma

reforma em nossa imprensa nacional antes de considerar as características desse instituto”. (LOPES, 1936, p.3-4).

Então, enviou a Vargas o pedido de que o presidente da casa da moeda e da imprensa brasileira para visitarem a Itália e se inspirarem nela para a construção de um novo órgão de imprensa para o Brasil. (LOPES, 1936, p.4-5). Comparou as organizações italianas com as alemãs e concluiu que o Brasil precisava se concentrar em replicar as italianas, pois eram “mais adaptáveis” à realidade cultural e econômica do Brasil. (LOPES, 1936, p.5). Por fim, disse que os desejos de Mussolini eram de que o próximo presidente do Brasil fosse o próprio Vargas, mesmo com os impedimentos constitucionais. (LOPES, 1936, p.5-6).

As próximas cartas de Lopes a Vargas são de 1937, uma em 15 de janeiro, quando anunciava que tinha terminado seus estudos sobre o funcionalismo público na Itália e estava retornando ao Brasil para assumir seu cargo no Conselho Federal do Serviço Público, que precedeu o DASP. (LOPES, 1936, p.3). Declarou que sua missão de estudar as estratégias de propaganda e trabalho da Itália eram findas, mas ainda indicou que o presidente enviasse investigadores para Tchecoslováquia e Polônia de onde, segundo ele, estavam saindo armamentos para movimentos opositores a Vargas no Brasil. (LOPES, 1936, p.2).

Em 17 de março de 1938, a bordo do navio Netúnia, Lopes enviou uma carta a Vargas pedindo para se eximir dos serviços de presidente do DASP, por questões de saúde. (LOPES, 1938, p.1). Vargas não aceitou a saída de Lopes (LOPES, 1938, p.3-4), que apenas se retirou do DASP em 1945, com a própria saída de Getúlio do poder.

### **Considerações finais**

A investigação sobre atuação de Luís Simões Lopes na Europa a mando do presidente Getúlio Vargas permite que se compreenda, primeiramente, que mesmo durante o período constitucional, Vargas atuou de maneira sigilosa alicerçada nas atividades de diferentes informantes no ambiente internacional. Esta atuação permitiu que o presidente se informasse sobre detalhes, como a vida e trabalho de diversos diplomatas, as condições comerciais, econômicas e políticas de vários países, mas, também, agisse em sondagens e até mesmo decisões totalmente

paralelas aos mecanismos oficiais da burocracia do Estado. Esta maneira de proceder permitia a Vargas garantir certa celeridade, não depender apenas de um ou outro informante e ter diferentes opiniões sobre os mesmos objetos.

De acordo com Sérgio Danese, o que Getúlio Vargas fez em sua política externa pode ser considerado como a inauguração da “diplomacia presidencial” no Brasil, ou seja, uma atuação que excede obrigações protocolares e constitucionais de um presidente quanto à condução da política externa. Danese (2017, p.340) chamou Vargas de “o presidente-chanceler”, por ele ter assumido a dianteira da condução desta política. A investigação sobre Lopes como informante internacional de Vargas não apenas reforça as afirmações de Danese como demonstra dimensões desta diferenciada atuação. Neste caso, demonstra a dimensão de uma atuação confidencial que credita poderes de sondagem e espionagem a contatos de confiança construindo um sistema de informação paralela àquele já existe dentro das engrenagens oficiais do Estado.

Vale ressaltar a importância que Simões Lopes teve como informante. Vargas demonstrou confiança em sua figura, delegando funções não apenas de investigação, mas também de atuação. Talvez, uma das principais contribuições das investigações de Lopes seja de fato o impacto de tudo o que ele absorveu na Europa, na perspectiva política do próprio Vargas.

Como informa Ana Paula Leite Vieira (2019), reformas que dessem visibilidade internacional ao país, com o intuito de fortalecer sua imagem para fomentar o comércio e seu poder político, já eram uma tendência desde a Primeira Guerra Mundial. Esta tendência foi intensificada com a modernização da burocracia estatal de vários países, democráticos ou não, após os impactos da Crise de 1929. O Brasil inseria-se, portanto, neste esforço de reformas, pelas quais os mecanismos de comunicação e divulgação do nacionalismo consolidavam-se como instrumentos de política interna e externa (VIEIRA, 2019, p.63). Destarte, a historiografia já conhece e investiga o que foram estas reformas.

Nesta seara, uma novidade interessante, ao se investigar as missões de Lopes na Europa, é conhecer não **o que** foi feito, mas, sim, **como** foi feito, ou seja, como Vargas se inspirou? Como ele estudou os mecanismos de reformas no exterior? Quem eram os “olhos e ouvidos” do presidente? Certamente, as missões de Luís Simões Lopes compuseram os esforços de Vargas na composição do **como**

outros países faziam suas reformas, para que versões legitimamente brasileiras pudessem ser criadas.

**Artigo recebido em 24 de janeiro de 2023.**

**Artigo aprovado em 08 de abril de 2023.**

## Referências

ALMEIDA, Paulo Roberto de; ARAÚJO, João Hermes Pereira de. Oswaldo Aranha: na continuidade do estadismo de Rio Branco. *In: Pensamento Diplomático Brasileiro: Formuladores e Agentes da Política Externa (1750- 1964)*. Brasília: FUNAG, 2013.

ARANHA, Oswaldo. [**Correspondência**]. Destinatário: Getúlio Vargas. A bordo do "Rex", 05 set.1934. 1 carta comunicando que, apesar dos esforços empreendidos, não conseguiu audiência com Mussolini, e criticando a atuação do Embaixador brasileiro na Itália. Arquivo de Getúlio Vargas. (GV c 1934.09.05). CPDOC/FGV.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Presença dos EUA no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BOUÇAS, Valentim Fernandes. [**Correspondência**]. Destinatário: Getúlio Vargas. Nova York, 08 mar. 1933. 1 carta sugerindo o adiamento das eleições e a manutenção da ditadura como melhor medida para solucionar os problemas econômicos do país. Arquivo de Getúlio Vargas. (GV c 1933.03.08/1). CPDOC/FGV.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Almanaque do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores** – 1941. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941. Disponível em: [https://www.funag.gov.br/chdd/images/AnuarioFuncionarios\\_MRE/Anuario1941A.pdf](https://www.funag.gov.br/chdd/images/AnuarioFuncionarios_MRE/Anuario1941A.pdf). Acesso em: 20 out. 2022.

CAMINHA, Daniel Ouriques. Luiz Simões Lopes entre administração e política: a trajetória de um dirigente. **Revista de Administração Pública**, v. 53, n.4, p. 640-656, 2019.

CASCARDO, Herculino. [**Correspondência**]. Destinatário: Getúlio Vargas. Londres, 24 ago. 1934. 1 carta parabenizando-o pela eleição presidencial; lamentando que a Constituição e a volta à política dos Grandes Estados tenham encerrado o ciclo das reivindicações revolucionárias; informando sobre os contatos feitos visando o reatamento das relações diplomática e comerciais com a Rússia e solicitando sua aprovação para a continuidade desta missão. Arquivo de Getúlio Vargas. (GV c 1934.08.24). CPDOC/FGV.

DANESE, Sérgio. **Diplomacia Presidencial: história e crítica**. Brasília: FUNAG, 2017.

FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930. **Historiografia e história**, v. 7, n.9, p. 157-158, 1970.

FAUSTO, Boris. **Perfis Brasileiros—Getúlio Vargas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. **A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

FERRO, Flavia Salles. **Virgílio de Melo Franco: trajetória política em um contexto de mudanças (1929-1948)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

LARRAGOITI, Rosalina Coelho Lisboa. **[Correspondência]**. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 01 mar. 1934. 1 carta. Arquivo de Getúlio Vargas. (GV c 1932.03.00). CPDOC/FGV.

LARRAGOITI, Rosalina Coelho Lisboa. **[Correspondência]**. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 01 mar. 1934. 1 carta manifestando-se contra a participação do Brasil na Feira de Chicago, comentando a desmoralização do Consulado brasileiro em Chicago, e solicitando entrevista para narrar planos da Argentina relacionados ao Brasil. Envia documento de Irish Free State, carta do diretor do Chemical Bank and Trust Company, documentos e consultas sobre a Feira de Chicago, e cópia do resultado do inquérito sobre as relações diplomáticas entre América do Norte e América do Sul. Arquivo de Getúlio Vargas. (GV c 1934.03.00). CPDOC/FGV.

LARRAGOITI, Rosalina Coelho Lisboa. **[Correspondência]**. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 02 set. 1934. 1 carta informando sobre a situação política da Argentina. Arquivo de Getúlio Vargas. (GV c 1936.09.00/2). CPDOC/FGV.

LOPES, Luís Simões. **[Correspondência]**. Destinatário: Getúlio Vargas. Londres, 22 set. 1934. 1 carta sobre sua visita à Berlim, elogiando a organização do Governo nacional-socialista, particularmente o Ministério da Propaganda e sugerindo a criação de um órgão semelhante no Brasil. Comenta também que o cônsul Silvio Romero, não assumiu o posto de Conselheiro Comercial em Varsóvia e que se encontra em Berlim, onde goza de péssima reputação. Arquivo de Getúlio Vargas. (GV c 1934.09.22). CPDOC/FGV.

LOPES, Luís Simões. **[Correspondência]**. Destinatário: Getúlio Vargas. Londres, 27 set. 1934. 1 carta enviando suas impressões sobre Londres e comentando as possibilidades de expansão comercial do Brasil na Europa. Arquivo de Getúlio Vargas. (GV c 1934.09.27/1). CPDOC/FGV.

LOPES, Luís Simões. **[Correspondência]**. Destinatário: Getúlio Vargas. Paris, 09 out. 1934. 1 carta informando que foi procurado, em Paris, pelo representante da Cia. Weddel, para tratar das dificuldades surgidas no comércio de carnes brasileiras com a França e a Itália. Arquivo de Getúlio Vargas. (GV c 1934.10.09/3). CPDOC/FGV.

LOPES, Luís Simões. **[Correspondência]**. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 18

out. 1934. 1 carta informando sobre suas investigações a respeito do malogro da entrevista entre Oswaldo e Mussolini; lembrando a conveniência de inventariar, anualmente, os bens pertencentes ao Estado nas Embaixadas e Consulados; e analisando a situação de débito do Brasil em relação ao Instituto Internacional de Agricultura. Arquivo de Getúlio Vargas. (GV c 1934.10.18). CPDOC/FGV.

LOPES, Luís Simões. [**Correspondência**]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 22 out. 1934. 1 carta sobre a questão do comércio de carnes com a Itália e informando sobre a inauguração da Assembleia do Instituto Internacional de Agricultura. Arquivo de Getúlio Vargas. (GV c 1934.10.22/1). CPDOC/FGV.

LOPES, Luís Simões. [**Correspondência**]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 09 out. 1936. 1 carta sobre venda de café ao Governo italiano e obstáculos criados pelo Bando do Brasil. Arquivo de Getúlio Vargas. (GV c 1936.10.09). CPDOC/FGV.

LOPES, Luís Simões. [**Correspondência**]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 22 dez. 1936. 1 carta agradecendo e recusando sua nomeação para membro do Conselho F.S.P. civil e manifestando seu desejo de ser aproveitado no Crédito Rural. Arquivo de Getúlio Vargas. (GV c 1936.12.22/2). CPDOC/FGV.

LOPES, Luís Simões. [**Correspondência**]. Destinatário: Getúlio Vargas. Roma, 22 dez. 1936. 1 carta sobre a importância do comércio de café com a Itália e sugerindo a reorganização da Imprensa Nacional, nos moldes do Instituto Poligráfico dello Estado, da Itália. Arquivo de Getúlio Vargas. (GV c 1936.12.23). CPDOC/FGV.

LOPES, Luís Simões. [**Correspondência**]. Destinatário: Getúlio Vargas. Bordo do Neptúnia, 17 mar. 1936. 1 carta explicando por que poderá deixar o cargo de presidente do DASP. Arquivo de Getúlio Vargas. (GV c 1938.03.17). CPDOC/FGV.

LOPES, Raimundo Hélio. As tropas do governo provisório na guerra civil de 1932: formação, estrutura e historiografia. **Antíteses**, v. 15, n. 29, p. 250-279, 2022.

LOPES, Raimundo Hélio. O Poder Discricionário: o Governo Provisório nas páginas do jornal carioca Correio da Manhã (1930-1932). XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA–ANPUH, 29., 2020, Brasília. **Anais de Congresso**. Brasília: UNB, 2020. p.1-12.

MENON, Gustavo. A tentativa de racionalização do estado brasileiro na era Vargas: uma breve análise sobre o DASP. **Revista FIDES**, v. 1, n. 2, 154-167, 2010.

MICHELON, Francisca Ferreira. Um conflito de memória: a invisível cidade operária. **Revista Latino-Americana de História**. v. 2, n. 7, p. 25-40, set. 2013 – Edição Especial.

PANDOLFI, Dulce Chaves. A Aliança Nacional Libertadora e a Revolta Comunista de 1935. *In*: SILVA, Raul Mendes; CACHAPUZ, Paulo Brandi; LAMARÃO, Sérgio (orgs.). **Getúlio Vargas e seu tempo**. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2004. p. 175-182.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. *In*: FERREIRA, Jorge (org.). **O Brasil Republicano**. O tempo do nacional-estatismo: do início da

década de 1930 ao apogeu do Estado Novo 1930-1945. Segunda República 1930-1945. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p.31-52.

PEREIRA, Mateus Henrique de. **A Máquina da Memória – O tempo presente entre a história e o jornalismo**. São Paulo: EDUSC, 2009.

REIS, Daniel Aarão. **Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos**. Editora Companhia das Letras, 2014.

RIBEIRO, Orlando Leite. [**Correspondência**]. Destinatário: Getúlio Vargas. Buenos Aires, 22 out. 1934. 1 carta informando ter agradecido, a todas as pessoas que o obsequiaram durante sua viagem à Argentina. Arquivo de Getúlio Vargas. (GV c 1935.08.07/1). CPDOC/FGV.

SCHUMACHER, Maria Aparecida; BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade: com 270 ilustrações**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia: com novo pós-escrito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SOUZA, Ismara Izepe de. **Caminhos que se cruzam: relações históricas entre Brasil e Espanha (1936-1960)**. 2009. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

VERGARA, Luís Fernandes. [**Correspondência**]. Destinatário: Luís Simões Lopes. Petrópolis, 23 mar. 1938. 1 carta informando que o presidente não parece disposto a afastá-lo de suas funções. Arquivo de Luís Fernandes Vergara. (LV c 1938.03.23). CPDOC/FGV.

VIEIRA, Ana Paula Leite. **O Departamento de Imprensa e Propaganda e a política editorial do Estado Novo (1937-1945)**. 2019. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ZIMBARG, Luís Alberto. **O cidadão armado comunismo e tenentismo (1927-1945)**. 2001. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2001.

### Sobre a autoria

<sup>1</sup>Doutorado em História (2020 – atual) pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: filipeqc@hotmail.com.